



FALA, CEP!

Número 02 - dezembro de 2011 - Edição Mural

Entrevista com o professor Geraldo Honorato sobre a trajetória da Arte no CEP

54 anos da Escolinha de Artes

FC – Como surgiu a proposta da escola de artes do Colégio Estadual do Paraná?

GH – Surgiu conjuntamente com esta sede do CEP, no final da década de 50, a partir do trabalho da professora Ema Koch, artista plástica paranaense. Ela foi convidada a dirigir o projeto da Escolinha de Arte, que se alinhava com os ideais da escola nova (um movimento de renovação do ensino, que surgiu no fim do século XIX e ganhou força na primeira metade do século XX) que estavam chegando ao país. Até então a ideia de aula de arte contemplava uma visão mais fechada, restringindo-se normalmente ao canto orfeônico e ao desenho geométrico.

Em 1957 foi apresentado o projeto final, de ateliês de arte no Colégio Estadual, que seguiam os moldes daqueles que tinham surgido em São Paulo e no Rio de Janeiro.

FC – A Escolinha coordena todo o tipo de manifestação artística do CEP?

GH – Não, pois seria muito difícil fazer isso. Coordenamos as disciplinas regulares de arte e os cursos extracurriculares, o que inclui os quatro grupos de teatro amador, a banda...

FC – Há muitos cursos na Escolinha hoje?

GH – Temos cursos em quatro grandes áreas: artes visuais, música, teatro e dança.

FC – Vocês são muito representativos em eventos...

GH – Sim, como a arte tem grande representatividade social, a Escolinha é vista nas atividades da Banda Bento Mussurunga, nos festivais de teatro – dos quais temos participado em menor escala, porém podemos perceber que nossos alunos sempre têm grande destaque quando atuam, se profissionalizando... como as artes plásticas são mais introspectivas, esses profissionais não são tão vistos, mas há muitos profissionais de artes plásticas que saíram da Escolinha.

FC – Vivemos hoje um momento em que até mesmo a presença curricular da literatura é questionada por alguns não verem na mesma um conhecimento de caráter pragmático. Também há discussões como essa em relação à Arte?

GH – O tempo todo. A pressão de quem espera saberes pragmáticos, o que é fruto de nossa realidade em que alimentar a população ainda é um desafio. Entre um quadro e a comida, pelo que se opta? Essas ideias se propagam na

sociedade e a arte é vista como uma coisa supérflua, mas nós que trabalhamos e estudamos arte sabemos que ela é um instrumento de conscientização e comunicação. Não há civilização que viva sem se comunicar. A música, a dança, as artes plásticas não servem somente para caracterizar um povo, mas para que nos afirmemos como seres humanos, pois o que nos diferencia dos seres irracionais é nossa capacidade artística. Podemos até ver que alguns animais têm uma linguagem, mas nenhum outro tem arte.

FC – Essa é uma perspectiva bastante teórica, e a arte convive hoje com a sua teoria. Desde os ready-made de Duchamp é difícil definir o que é arte. Como vocês trabalham esses conceitos com os estudantes, muitas vezes tão refratários à teoria?

GH – A dificuldade que enfrentamos é a mesma de outras disciplinas. Nossa disciplina surge em 1996, é muito nova e é criada devido ao estigma que sofríamos como a “educação artística”, que preconceituosamente era acusada de ser uma fazer ser rumo e muitas vezes era ministrada por pessoas sem formação ou com formação deficiente. Não era mais possível, então, ficar apenas na manufatura, no trabalho manual. Hoje relacionamos a arte a seus momentos históricos, sociais, científicos e à teoria da arte.

FC – Muitas faculdades reduziram suas licenciaturas, pois há pouca procura de quem deseje ser docente. Como está a formação de professores na Arte.

GH – Tivemos uma baixa na procura até 96, pois a disciplina era ministrada por profissionais de outras áreas e tinha somente uma única aula semanal no currículo. Agora, nos anos dois mil, tivemos um aumento, não muito significativo, mas os cursos se estruturaram melhor. A Faculdade de Artes do Paraná, por exemplo, passou a contemplar as quatro grandes áreas. Muita gente também está percebendo que não há só o magistério. O professor Carlos de Paula, aqui presente, pode nos ajudar. Ele trabalhou vários anos na SEED...

CP – Realmente, o número de cursos têm se expandido... temos a FAP, a EMBAP, a Tuiuti, a PUC, que começou agora... se não houvesse procura não abririam... em Cascavel, uma faculdade particular acaba de abrir na área, o que mostra que existe interesse.

FC – Como é a estrutura de vocês, hoje, na Escolinha?

GH – Hoje, já pode ser vista como deficiente, pois foi pensada para aquele colégio de 1957. Como trabalhamos com um regime de meia turma para propiciar discussões e desenvolvimento de trabalhos, muitas vezes temos que ocupar



FALA, CEP!

Número 02 - dezembro de 2011 - Edição Mural

outros espaços do CEP, o que, às vezes, não é bem entendido. Parece que estamos usando o espaço de outra disciplina. Já questionaram: “o coro precisa de uma sala inteira?”. Mas não é só o coro, todas as disciplinas de música, técnica vocal usam aquele espaço. Jamais pedimos uma sala que não será usada o tempo todo. Mesmo com essas questões, o Colégio Estadual, em comparação com outros estabelecimentos, tem uma estrutura invejável: temos tintas, alguns papéis especiais, instrumentos musicais, salas ambientes, a própria proposta de meia-turma...



FC – A demanda certamente mudou muito desde o final da década de cinquenta....

GH – Não só o número de alunos mudou, mas, também as características do trabalho desenvolvido, afinal mudaram as pessoas, a abordagem das faculdades... nas décadas de setenta e oitenta, a Escolinha trabalhava com a disciplina curricular e as extra-curriculares eram chamadas de “atividades livres”, o aluno vinha e o professor o atendia naquele momento, ajudando-o a desenvolver a atividade que desejasse fazer, quando quisesse. Havia um fluxo grande de estudantes, mas poucos permaneciam nas atividades, só aqueles que já tinham certo interesse pelas artes. Na década de noventa, percebeu-se ser preciso um sistema mais organizado, então são criados os cursos modulares, em que o docente, fora do horário regular, tem um grupo de alunos determinado e dá um curso específico...



FC – E as novas mídias, como web-arte; a produção musical eletrônica...

GH – Ainda ontem estava comentando aqui com o professor Carlos sobre isso... a música e a tecnologia sempre estiveram muito próximas, afinal os próprios instrumentos musicais nada mais são, afinal, que um tipo de tecnologia, no entanto, em termos de novas produções, ainda temos muito para caminhar aqui no Colégio... nossos cursos ainda tem resquícios do formato dos anos oitenta, até setenta... mas, aí, a questão também passa por políticas

governamentais, pelo tipo de formação das faculdades, que se refletem nas propostas dos docentes... afinal, os profissionais precisam propor. Na minha área, vejo que o computador já é uma ferramenta muito importante nas artes visuais e que precisamos trabalhar mais essa questão. E na música, Carlos? CP – Nós já trabalhamos com alguns programas de produção de música, a professora Aline [?], de Técnica Vocal, está fazendo um curso sobre vários softwares... no ano que vem, vamos solicitar

administrativamente a aquisição de vários programas... no futuro, o ideal seria termos nesse espaço um laboratório, assim não teríamos que deslocar os estudantes até a sala de edição. Claro que isso não é abrir mão da aprendizagem de Técnica Vocal, dos instrumentos musicais, esperamos é acrescentar ao aprendizado mais tecnologia. Já foi feito isso anteriormente com a televisão, o videocassete, o teclado... queremos incluir também amplificadores, pois alguns instrumentos, quando trabalhados em conjunto com outros, somem no arranjo...

FC – E os planos futuros da Escolinha?

GH – Um deles é esse do qual falamos – trazer aos nossos cursos uma visão mais contemporânea. Além disso, conseguir um espaço

viável para exposição dos trabalhos, pois, embora a Escolinha já tenha mais de cinquenta anos, ainda precisamos, muitas vezes, improvisar na hora de elaborar uma exposição. Pensamos, então, inclusive, em parcerias com empresas para conseguir esse espaço. Também desejamos melhorar as tecnologias que usamos em sala: não deixar ideias como a TV Pendrive morrerem, conseguirmos novos livros. Também queremos renovar nossa aliança com a comunidade escolar do CEP, mostrando a Arte como parceira de outras áreas, hoje eu sinto a Escolinha um pouco distante de outras disciplinas. É importante somar forças para que os alunos, através da Arte, entendam melhor o Português, a Matemática, a Filosofia...



FALA, CEP!

Número 02 - dezembro de 2011 - Edição Mural

Da Materialidade ao Vazio: Colégio Estadual do Paraná recebeu obra de Márcio Montoril Prado

Está se aproximando do término o projeto do artista plástico Márcio M. Prado (foto) denominado “Da Materialidade ao Vazio”, que teve início com a instalação, no Pátio Externo do Museu Oscar Niemeyer (MON), de um cubo de 2 x 2 x 2 metros formado por 4.096 blocos maciços de cerâmica refratária. Cada unidade foi pintada manualmente com esmalte cerâmico e depois levada ao forno, adquirindo tonalidades e padrões únicos.

Após seis semanas, o cubo original foi fragmentado em 64 partes, gerando módulos de 64 unidades cada. Estes módulos foram deslocados gradualmente para diferentes espaços de Curitiba e um deles está, desde o dia 03 de agosto, em exposição em frente à recepção do Colégio Estadual do Paraná.

A montagem deste módulo, denominado “Desinstalação número 5: linha” foi acompanhada com interesse pelos alunos do Colégio e contou com a presença do artista, que visitou a Escolinha de Arte do CEP.

O projeto “Da materialidade ao vazio” será concluído ao final do último deslocamento. Logo a seguir será instalada uma peça de 2 x 2 x 2 m no mesmo local onde anteriormente encontrava-se o cubo de cerâmica refratária original.

O artista plástico Márcio Montoril Prado nasceu em São Paulo em 1970, é formado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual de Londrina e atualmente conclui a pós-graduação em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, em Curitiba.

Estudou desenho gráfico no “Centro de Formação Aplicada - Punta Fina”, localizado na cidade espanhola de Madri e já foi designer gráfico e roteirista de CD-ROM.

Chegou a Curitiba no ano 2000 e começou a pesquisar cerâmica e escultura no Atelier de Escultura da Fundação Cultural de Curitiba localizado no Parque São Lourenço.

Segundo o exposto por Márcio em seu site (<http://www.marcioprado.art.br/desinstalacao>) o projeto “Da Materialidade ao Vazio pretende estabelecer um campo transitório para a escultura, um campo de passagem. Uma massa que fragmentada e deslocada nos remete ao materializar e ao desmaterializar. Objetiva deixar uma silhueta como memória, como marca de passagem, que pode situar este trabalho em sua transitoriedade”.





FALA, CEP!

Número 02 - dezembro de 2011 - Edição Mural

Projeto Céu do Paraná e OBA reconhecem o trabalho do OACEP

O “Projeto Céu do Paraná” é uma iniciativa que tem por objetivo a disseminação do conhecimento sobre Astronomia em nosso Estado, seu nome foi escolhido em homenagem a coluna homônima que, ao longo de 41 anos, o professor do OACEP (Observatório Astronômico do Colégio Estadual do Paraná, que engloba também o planetário da instituição) José Manoel Luís da Silva se dedicou a escrever no jornal Gazeta do Povo, sempre abordando a Astronomia ao mesmo tempo em que elaborava a configuração do mapa astronômico do firmamento paranaense.

A realização do Projeto, em junho de 2011, foi no campus da Universidade Estadual de Ponta Grossa e contou com a presença do primeiro astronauta brasileiro, o engenheiro Marcos Pontes que, em sua palestra, incentivou os jovens presentes a “irem em busca de seus objetivos, jamais deixando de sonhar”.

O grupo de docentes do OACEP presente ao evento foi responsável pela capacitação técnica dos bolsistas que passaram a ser responsáveis pela operação do Planetário Móvel, cuja trajetória, por várias cidades do interior paranaense, tem como objetivo despertar o interesse dos alunos pela astronomia.

Os astrônomos do Colégio Estadual do Paraná também atuaram em oficinas sobre “Observação do céu e reconhecimento das constelações”, “Movimentos



o céu do
Paraná



aparentes do céu” e “Estações do ano”.

Enquanto a parte técnica do projeto estava centralizada no Observatório Astronômico situado no campus da UEPG, foram organizadas no Shopping Palladium de Ponta Grossa sessões com o planetário móvel e exposições para difundir o evento.

Olímpiada Brasileira de Astronomia

Já na XIV edição da OBA (Olimpíada Brasileira de Astronomia), o trabalho da equipe do OACEP mereceu destaque pelo fato do aluno do terceiro ano do CEP Lucas Henrique de Oliveira atingir a nota 9,85, classificando-se entre os cinco melhores discentes em Astronomia de todo o país, entre um total de 801.000 estudantes que prestaram a prova no Brasil neste ano.

Graças a esse desempenho, o estudante e o Diretor do OACEP, professor José Manoel Luís da Silva, foram convidados a participar da VII Jornada Espacial,

em São José dos Campos, promovida pela Agência Espacial Brasileira nas dependências do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) e do IAE (Instituto de Aeronáutica e Espaço), local que também abriga o ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) e a EMBRAER (Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A.).

O jornal Fala, CEP! não tem fins lucrativos e não pode ser comercializado.

Jornal concebido coletivamente com o objetivo de melhorar a comunicação entre o colégio e a comunidade e as relações de ensino e aprendizagem. Ação financiada com recursos da APMF, Associação de Pais, Mestres e Funcionários do Colégio Estadual do Paraná.

Gestão: professora Tânia Maria Acco

Diretores de turno:

Geibe Garcia Fernandes (Manhã)

Fernando Richardi da Fonseca (Tarde)

Robson Andre Gaievski (Noite)

Setor de Comunicação:

Elizeth Tesseroli Miot, Josane F. Buschmann e Hectore Pires Vagheti

Diagramação, textos e fotografias:

Prof. Jefferson Luiz Franco, prof.ª Joana Amélia Sant'Ana e prof. Hectore Pires Vagheti